

CONTEÚDO

<i>Conteúdo</i>	i
I Dharma da Floresta	1
Capítulo 1 · Conversa com um doutor	5

Book I

Darma da Floresta

“Pensamos que felicidade não tem um lado ruim, mas não é assim. Felicidade é a número um, ela mesma já é sofrimento. Quer seja felicidade ou sofrimento, são como uma mesma cobra. Sofrimento é como a cabeça da cobra, felicidade é o rabo da cobra. Vemos que essa cobra é longa (...) e pensamos: ‘Eh, a boca é perigosa, o rabo não tem perigo, (...) não vou chegar perto da boca senão vou tomar uma picada! É melhor pegar pelo rabo porque a boca está daquele lado.’ Mas quando pegamos, o rabo ainda é rabo de cobra, não é? A cobra se vira e vem morder, é sofrimento do mesmo jeito, porque a cabeça da cobra está na cobra, o rabo da cobra está na mesma cobra.”

1

CONVERSA COM UM DOUTOR

Conversa informal entre Ajahn Chah, um médico e sua esposa.

(Dr.) - Tanto quanto me lembro de ter lido uma vez, havia uma pessoa de família pobre e esse garoto tinha inteligência, de forma que os pais e os irmãos achavam que ele seria capaz de estudar e conseguir se formar. Então os pais e os irmãos todos abriram mão de estudar para conseguir economizar dinheiro para pagar os estudos deste garoto. Todos passaram por muitas dificuldades. Esse garoto foi para a universidade, mas também estudou o Dharma e sentiu inspiração profunda. Quando terminou seus estudos, aconteceu que... o pai, a mãe e todos os demais tinham grande esperança de que, quando ele estivesse formado, ele sustentaria a família. Seria capaz de trabalhar e ganhar dinheiro, ajudando os irmãos mais novos ou ajudando a dividir o fardo do pai e da mãe, ou seja, o pai e a mãe iam poder descansar um pouco para poder ajudar os filhos menores, mais adiante.

Mas aconteceu que esse garoto, quando acabou seus estudos, ficou muito inspirado pelo Dharma, a ponto de pedir licença do pai e da mãe para não ir trabalhar, queria ordenar-se monge. O pai e a mãe

choraram e tentaram impedir, mas o filho disse ter muita fé no ensinamento do Buda: “Não me impeçam!” No fim os pais tiveram que dar permissão para o filho virar monge¹, mas do meu ponto de vista, tanto quanto eu li e ouvi dizer, sinto que eles provavelmente não o fizeram de muita boa vontade. Essa história ficou presa na minha cabeça.

(*Ajahn Chah*) - Por quê?

- Peço desculpas, Luang Pó, essa é apenas minha opinião, não sou *expert* em religião, mas penso que neste mundo tem que haver duas partes: uma parte é a religião, outra parte são os donos de casa normais, que necessitam exercer profissão, ganhar seu sustento. Por exemplo: eu tenho família, tenho filho e esposa. Tendo eu responsabilidade pela minha família, tenho que cumprir meu dever para com eles. Estou vinculado a eles e tenho que cumprir meus deveres para com a minha família, a sociedade, a nação. Agora, tanto quanto li aqui neste lugar, talvez tenha sido escrito por outra pessoa, não sei... diz que o objetivo é que todas as pessoas virem monges. Eu penso na minha cabeça que neste momento sou dono de casa, sustento minha esposa e filho com meu ofício, dou felicidade a algumas pessoas, dou ajuda a uma parte da população e faço um pouco de doações ao templo, ou seja, também ajudo a religião. Mas, se todos virarem monges, incluindo a mim mesmo, os monges vão ter que arar a terra, vão ter que procurar ofício, não terão tempo para praticar a regra monástica. Os monges não terão oportunidade de aconselhar e guiar o povo, dar luz para que haja paz de espírito, para que haja um caminho a seguir neste mundo.

Por essa razão, na minha opinião, essa pessoa, se for virar monge está bem, mas somente quando terminados seus deveres, ou seja, ajudar o pai, a mãe e os irmãos. Ordenar-se agora, neste momento, se perguntar para mim, se for para eu decidir dentro da minha

¹Uma pessoa só pode virar monge caso autorizado pelos pais.

ignorância, digo que é uma maldade, muita maldade. Porque é machucar os pais e é uma maldade para com os outros também, pois todos ajudaram essa pessoa, e aqui surge o problema: essa minha opinião está certa ou errada?

- O doutor também tem razão. Vejamos assim, eu vou lhe fazer uma pergunta: um quilo de ouro e um quilo de chumbo, se vierem dar ao doutor, o que o senhor escolhe?

- O ouro.

- Pois é, é assim mesmo. Quando uma opinião é firme dessa forma, aquilo ganha um valor diferente, tal como ouro e chumbo, tem que escolher o ouro. Eles trouxeram ambos, porque o doutor escolheu o ouro e não o chumbo?

- Porque possui valor.

- Pois é, você enxerga que possui mais valor. Da mesma forma nesse caso, ele enxerga mais valor do que isso a ponto de se decidir dessa forma. É assim, é a mesma situação. Por isso não devemos pensar assim, não há nada de errado em pensar, mas tem que refletir até ficar correto.

Está com medo, hein? O doutor está com medo de que não haja quem cuide dos pais, não haja quem construa o mundo? Se estiverem contratando pessoas para tocar música o doutor não precisa se preocupar pois eles só vão contratar pessoas que souberem tocar música. Se não souber, como é o seu caso, eles não contratam. Não dá para pegar todas as pessoas e fazê-las monges, mas proibir para que ninguém vire monge também não dá. Essas coisas são assim mesmo, não devemos pensar: “que todos virem monges!”, não dá. “Que ninguém vire monge!”, dá? Não dá, não é possível, não dá para forçar desse jeito. Aqui temos que enxergar o que há: quem tiver sabedoria, a que nível, que aja de acordo.

Eu também já passei por isso. Fui dizer que matar animais é demérito e uma pessoa respondeu: “Luang Pó consegue comer pimenta pura todo dia?”

Respondi: “Não, pois não há quem traga pimenta para eu comer todo dia, tem alguém? Vá buscar, prepare pimenta para eu comer todo dia, pode ser?” Não concordou. Quem vai ter tempo de preparar pimenta para monge comer todo dia, sem falta? Esse tipo de conversa é só da boca para fora, mas neste mundo é assim mesmo. Forçar todas as pessoas a serem boas ou ruins é impossível. Quem tem sabedoria neste mundo, escolhe. “Vejam este mundo enfeitado como uma carruagem real, onde tolos afundam, mas nos sábios não há apego.”¹ Essa é a garantia que o Buda nos dá.

Então, nossa intenção em virar monge não é ver nossos pais perecerem, nossos filhos perecerem, nossa família perecer ou algo do tipo. Pensamos: “Puxa, minha família está atolada demais na lama, na sujeira. Se nem eu conseguir sair, estaremos todos presos, assim será uma perda total...” Então nos esforçamos para sair, por nossa família, para que nossa família melhore. Mas algumas pessoas chegam a pensar que não há proveito, que é maldade, como o doutor. Se olharmos por esse ângulo, é assim. Por isso perguntei: um quilo de chumbo e um quilo de ouro, se formos dividir, qual você escolhe?

Isso é igual. Quando ele decidiu virar monge pelo resto da vida daquele jeito, ele viu que isso tinha muito mais valor, viu o mundo inteiro como se fosse chumbo, sem valor, portanto não o deseja. Igual ao doutor que deseja um quilo de ouro mas não quer um quilo de chumbo, por quê? Porque possui pouco valor, não tem valor, portanto decidiu pelo ouro dessa forma. Se soubermos refletir, não é o caso que nos ordenamos para destruir nossos filhos, destruir nossa esposa, nossa família ou algo do tipo, não é assim. Não é assim.

¹Verso do Dhammapada (Lokavagga – 171)

Isso é muito difícil pessoas conseguirem fazer: alcançar o máximo de sabedoria até chegar ao ponto que o doutor viu, onde tudo vira do avesso. É como ser capaz de fazer a palma da mão virar as costas da mão. Se a pessoa só consegue enxergar da forma que o doutor enxerga, ainda não será capaz. Ele age daquela forma com boa intenção e está correto, age por enxergar de verdade os princípios do Darma.

Se não é assim, então nosso Buda... é só maldade! O Buda é só maldade. “Não importa quanto sofrimento minha família passe, mas vou ajudar essas pessoas, ensinar essas pessoas a vir para a luz. Elas já ficaram na escuridão tempo demais.” – pensando desse jeito ele decidiu ordenar-se. Como o filho do coronel Pramôt¹, que terminou os estudos no exterior e veio ordenar-se aqui comigo. Ordenou-se e decidiu não voltar à vida laica. Inicialmente o pai viu e pensou: “Oh! Quanto sofrimento!”, mas hoje em dia ele vai ao monastério com frequência, ouve o Darma com frequência. Hoje em dia não quer mais ficar aqui na cidade, quer fugir para Wat Pah Pong, não quer ficar aqui. Há uma mudança quando enxergamos aquilo que antes não enxergávamos e vemos que não há benefício algum. Existe benefício porque possuímos sabedoria, se não temos sabedoria não enxergamos benefício naquilo.

Mas não pense errado: “Todo mundo virou monge, quem vai morar neste mundo?” Oh! Ainda mais gente, Sr. Doutor! Não é assim! Não pense que o mundo vai desvanecer – vai ficar ainda mais firme! Não pense que o mundo vai ficar ralo – vai ficar ainda mais espesso. Quando o senhor virar monge o senhor vai explicar sobre a maldade para que as pessoas entendam, fiquem em paz e tenham felicidade – se não muita, então pouca. Ajudamos. Ajudamos a pegar a bondade e o que há de bom e ensinar razão: “Não se agridam, afinal todos temos que ganhar a vida, buscar nosso sustento. Não agridamos uns aos

¹ Este rapaz continuou na vida monástica e eventualmente tornou-se um grande mestre. As pessoas hoje o conhecem pelo nome Ajahn Piak.

outros!”, todos os pontos de vista como esse. Se pensarmos: “Eh, se todo mundo virar monge vai ser uma desgraça”, ninguém vai poder virar monge.

Veja os dedos da sua mão: Não puxe os dedos para que eles tenham todos o mesmo tamanho! Esse dedo é assim, aquele é de outro jeito. Mesmo não sendo todos do mesmo tamanho, ainda são úteis? Têm a utilidade deles. Pegue esse pequenino aqui, é útil? Se não for do mesmo tamanho que os demais, corta fora? Do jeito que é ainda serve para cutucar o nariz! É muito útil. Não podemos pensar desse jeito pois é uma união. O mundo não pode ser do jeito que o senhor diz, ou então não é mundo. Desse jeito o mundo não é mundo. Não seria mundo. Mas é justamente por ser mundo, que é assim.

Bem onde está certo ensinamos, mas as pessoas não enxergam. Falam que sim, mas não enxergam. Bem aqui está errado, ensinamos: “bem aqui está errado”, mas não enxergam. Mas, para alguns, é só verem que ali está errado e logo entendem, veem que ali está certo e logo entendem. Algumas pessoas conseguem ver certo e errado. Não fique com medo que o mundo vá desvanecer. Não pense que não haverá quem construa o mundo no futuro.

- Eu entendo, Luang Pó. Eu tenho um amigo que é monge, estávamos conversando sobre esse assunto de fazer doações ao templo. Eu disse a ele que não faço muitas doações, vez por outra apenas. Estávamos conversando sobre isso e escutei um fundamento correto. Conversávamos sobre as pessoas que fazem doações. Tal qual tenho observado já faz algum tempo, algumas pessoas são pobres a ponto de quase não ter o que comer, os filhos não têm o que comer, mas tendo dinheiro, os pais o guardam para comprar durian¹ para dar aos monges.

¹Fruta típica da região sudeste da ásia, na época era considerada um artigo de luxo.

Eu perguntei se isso estava correto. Meu amigo disse que está errado, doações têm que ser feitas sem ser um fardo. Não deve ser: “Puxa, nossos filhos ou nós mesmos queremos comer, temos para comer, mas não vamos comer! Vamos dar para os monges comerem! Assim vamos ganhar mérito.” Meu amigo monge disse que isso está errado. Doações devemos fazer na medida em que é possível e não sendo um fardo para os demais. É como nessa história que ficou presa na minha cabeça, do rapaz que se formou e virou monge, eu penso que essa história de fazer mérito deve fazer nascer felicidade no nosso coração e no das demais pessoas. Não é como: “OK, vou roubar a carteira dessa pessoa para ir fazer mérito.” Essa pessoa ia usar o dinheiro para cuidar do filho que está para morrer no hospital e eu vou lá e roubo, aquilo traz sofrimento para outras pessoas. Da mesma forma eu insisto, é por isso que não consigo aceitar que essa pessoa que se formou e virou monge ganhou mérito. Eu entendi o que o senhor me ensinou agora pouco, mas eu insisto nisso: se for fazer mérito, não é correto que acabe em maldade. Quer dizer, um grupo de pessoas ter que sofrer. Caso alguém faça mérito, tem que gerar felicidade no coração de todos os envolvidos.

Por essa razão, esse monge que se ordenou, como já disse, mesmo que ele vá ensinar e propagar o Dharma ou o que seja... Mas se for perguntar para mim, eu digo que esse monge ainda é moleque em primeiro lugar – ainda é moleque. Já há o senhor Luang Pó aqui, o senhor Ajahn ali, e quantos mais que já estão cumprindo a tarefa de propagar o Dharma. Mas esse aí vai querer fazer como se fosse o Buda que abandonou o Rahula, a rainha, e foi se ordenar¹? Aquilo é o Buda, o líder, o nosso mestre, o pioneiro, os outros ainda não eram capazes de enxergar, ainda possuíam muitas impurezas, ainda não eram capazes de enxergar o caminho para que haja felicidade para a maioria das pessoas.

¹ Siddattha Gotama, que eventualmente tornou-se o Buda, abandonou sua esposa e filho recém-nascido para viver uma vida ascética e buscar o caminho para a iluminação.

Eu não elogio a ordenação desse monge, no momento atual já há o Luang Pó aqui, aquele Ajahn ali, aquele outro lá. Vários que proclamam o Dharma de forma que possamos estar aqui hoje. Portanto essa pessoa não é importante tal qual o Luang Pó, ou a ponto de se fazer como o Buda. Isso me faz censurá-lo. Eu censuro fazer mérito sem refletir sobre o momento apropriado. Se esperássemos dois, três, cinco anos e tivéssemos resolução firme, não desistiríamos. Teríamos firmeza em praticar o Dharma até que chegasse o momento apropriado. Quando não gerasse sofrimento para os demais, não gerasse dificuldades para os demais, quando surgisse satisfação em todos com nossa fé, então sim, seria o momento apropriado para ordenar-se. Eu censuro muito ele não ter escolhido o momento correto, é o que eu considero uma maldade. É por essa razão que eu vim aqui, com todo respeito, discutir com o senhor. Eu digo que o momento não era apropriado.

- Me diga, onde você vai encontrar alguém que saiba prever o futuro desse jeito?

- Essa pessoa, se aguentasse firme mais sete anos e então se ordenasse – dessa maneira seria uma boa pessoa. Mas supondo que passados sete anos desistisse, fosse ter esposa, beber cachaça – nesse caso é uma pessoa ruim, não serve.

- Onde você vai encontrar isso? Todo mundo quer ser assim. Se for “sete anos para se ordenar”, a morte vai esperar? Ele enxergou assim antes de ir. Morte: “sete anos e então morre”, há algum acordo? As pessoas nascem, mas na hora de morrer: “sete anos para virar monge!” Ninguém sabe. Tem algum acordo? Quando uma pessoa vê dessa forma, o que ela pode fazer? Ela não tem certeza sobre sua própria vida. Eu digo que, de todas as pessoas, não há quem tenha um acordo do tipo: “setenta anos, oitenta anos e então morre”, não existe, não tem como saber. Ele olha e não enxerga sua própria morte, ele não confia em sua própria morte. Se ele enxerga dessa forma ele vira monge com certeza. Por que não? Se aquela pessoa enxerga

dessa forma! Não é que nem nós aqui. Nós aqui temos que obrigar a ser “seis, sete anos” para que chegue a hora. *Akaliko* – morte tem dia e hora? Se aquela pessoa vê dessa forma, o que é que você quer que ela faça?

- Eu digo que essa pessoa é egoísta.

- Hum?

- Essa pessoa é egoísta.

- É o quê?

- Egoísta. Por quê? Ela toma a felicidade, que é o deleite na religião, sozinha.

- Se é assim, tenho que dizer o seguinte: o doutor aprendeu medicina, portanto é egoísta.

- Correto, correto.

- Pois, é! Sabe por quê? Se ainda existe um ego, ainda há egoísmo. Mas pessoas que agem desta forma e não são egoístas também existem. Como o Buda – não foi egoísta, ele destruiu seu próprio ego. Essa palavra “ego”, “ego”, é apenas uma convenção. Uma pessoa que consegue atingir aquele ponto não tem mais ego. Nós somos egoístas, então pensamos que os outros devem ser iguais a nós, pensamos que ele é egoísta, mas o ego dele já não existe. Há terra, fogo, água e ar, não há ego. Essa expressão “ser egoísta” pressupõe que terra, água, fogo e ar são nossa pessoa, são um ser, uma pessoa desse jeito. Esse tipo de expressão e esse tipo de entendimento estão incorretos e vão juntos infinitamente.

O ponto mais alto do ensinamento do Buda é a ausência de pessoa – há terra, água, fogo, ar, agrupados em uma pilha, só isso. Animal ou pessoa não existem. Se aquela pessoa atingir esse ponto, como é possível ele ser egoísta? Pois já não há ego. O que nos faz ser egoísta é ter um ego dessa forma. Se formos falar sobre não ter ego, ninguém entende. Conversar sobre coisas mundanas e coisas transcendentais

não é igual. Por exemplo, se eu descrever para o doutor a seguinte situação: se dissermos “andar para frente” – conhecemos, “andar para trás” – conhecemos, “ficar parado” – conhecemos. Se vier mais uma frase que diga: “nem andar para frente, nem andar para trás, nem ficar parado”, como é que fica? A expressão “andar para frente”, conhecemos. “Andar para trás”, ouvimos e entendemos. “Ficar parado”, entendemos. Mas vem a segunda frase: “nem andar para frente, nem andar para trás, nem ficar parado”, como é que fica? Essa pessoa chegou a um certo ponto, já aquela chegou a um ponto mais adiante, é assim.

Eu insisto: conversa mundana e conversa sobre o Dharma mais elevado – estendemos a mão, mas não alcançamos. Andar, caminhar – conhecemos. Andar para trás – conhecemos. Ficar parado – conhecemos. Não andar para frente, não andar para trás, não ficar parado – não conhecemos, ouvimos e fica por isso mesmo. Bem aí, aí é que as pessoas não entendem nada a ponto de haver tantos problemas e confusão demais desse jeito. Mas essa frase é a forma de expressão daqueles que estão além deste mundo, é a forma de expressão dos *aryias*. Crescemos a esse ponto, antes éramos crianças, não é? Éramos crianças pequeninas, e agora crescemos a esse ponto. Sente saudades de ser criança? Lamenta não ser criança? Por que foi possível crescer a esse ponto? Porque é assim: entra comida por aqui, não é assunto nosso, é assunto do mundo.

Falamos, mas não acertamos o alvo... Mas todo mundo tem, todo mundo neste mundo diz ter razão... É verdade, mas quando todo mundo vai inventando razões, as razões acabam diferentes umas das outras. Gente burra tem razão, gente esperta tem razão. Gente esperta tem a razão deles, gente burra tem a razão deles. Significa que essa história de razão não tem fim. Quando o Buda diz: “Eu ajo além dos motivos, acima das razões. Além de nascimento, acima da morte. Além da felicidade, acima do sofrimento”, e aí, como é

que fica? É uma história completamente diferente, completamente diferente.

Por exemplo, o doutor foi criança, alguma vez brincou com balão inflável? Via o balão e ficava feliz e alegre por causa do balão: “oba!, oba!”. Agora cresceu a esse ponto, não é? É diferente de quando era criança, não pensa mais em brincar com esse tipo de coisa. Por que não quer brincar? Pois não há utilidade! Já cresceu, vê? Não há utilidade. Quando éramos crianças, naquela época, víamos o balão como algo muito valioso. Brincava e se divertia, “oba!, oba!” – sozinho. Não sabia de nada. Mas quando o balão explodia “pôp!” – chorava... Por que é assim? Brincar com essas coisas é o que se chama “nossa mente estar fixa”.

Então nossa idade se desenvolve, mudamos com o tempo e crescemos a esse ponto. O doutor ainda vai brincar com balão, como as crianças? Pois é assim. Como vamos resolver esse problema, quando é o caso que aquele rapaz pensa dessa forma? O doutor tem que dizer: “Eu não quero brincar pois não há utilidade.” E as crianças? Isso contradiz a opinião das crianças. O doutor diz: “Não tem utilidade.”, mas as crianças discordam do doutor: “É útil sim!” E aí, quem vence? Quem está certo, quem está errado? As crianças têm as razões delas, os adultos têm as razões deles, são mundos diferentes. Tem que ser assim.

Ótimo! As perguntas hoje estão muito boas, quero que faça muitas perguntas e assim se esclarece. São duas coisas completamente diferentes, completamente diferentes...

- Estou conseguindo enxergar.

- Pois é.

- Eu tenho uma opinião, é uma opinião que inventei sozinho, tenho que admitir. Minha esposa aqui, Pao, cerca de dez anos atrás... Nossa!

Vivia se benzendo¹! Eu perguntava: “Está possuída por um espírito maligno? Foi fazer algo ruim ou o quê?” Seja lá o que fosse, tinha que se benzer. Ela chamava para que eu fosse junto mas eu dizia: “Não fiz nenhum mal, no que diz respeito à minha profissão, ajudo as demais pessoas. Isso é um tipo de bondade e, em geral, quando trabalho, trabalho com intenção de fazer direito. Caso cometa um erro, é sem ter tido intenção, é por não ter tido conhecimento suficiente ou por ter me equivocado, sem ter intenção de prejudicar ninguém. Eu digo que não faço maldade.”

Não estou possuído por um espírito maligno, não fiz maldade, então não me benzo. Pelo contrário, penso que a religião, qualquer que seja, ensina a ter amor uns pelos outros, a praticar o bem da forma que o mundo inteiro respeita e a tentar ser uma pessoa pura. Se formos de acordo com a minha opinião, caso a pessoa chegue a um certo nível, tendo encerrado seus deveres mundanos, suas responsabilidades, caso queira ir procurar paz verdadeira – vira monge de vez, vai morar num local pacífico. Mas só quando não tenha mais preocupações como: “Eh! Meu filho não vai ter recursos para estudar, como é que fica?” Eu vou ter que aprender a ser médium, a fazer água benta, a fazer poção mágica², isso não é correto. É por isso que tenho a opinião de que fazer mérito, e então obter mérito ou não, depende do coração – se nosso coração for puro, se agirmos sem ter más intenções, sem maus pensamentos, mesmo que erremos, não acertemos o alvo, mas tenhamos sensibilidade e procuremos corrigir, essa é uma ação que penso ser pura o suficiente. Por isso esse tipo de “exibição”, por exemplo, virar monge – chega a idade costumeira e “pap!”, ordena-se monge porque mandaram. Quer dizer, ordenou-se por causa das

¹É comum as pessoas na Tailândia pedirem que os monges abençoem água para que elas borrifem sobre si para espantar más energias ou trazer boa sorte.

²Muitos monges na Tailândia ficam ricos vendendo esse tipo de “serviço”, embora o Buda tenha proibido aos monges possuir dinheiro e muito menos realizar esse tipo de atividade, que ele considerava serem “artes de animais”.

tradições¹, mas no coração talvez não haja paz suficiente ou pureza suficiente, ou há preocupações e deveres por cumprir.

Tanto quanto me lembre, temos que receber autorização para ordenar-se monge e essa permissão deveria ser dada com sinceridade, não por ter implorado, ter forçado o pai e a mãe dizendo: “Não quero nem saber, vou virar monge, se me proibirem vou fazer algo ruim...” Isso é obrigar, e eu digo que é fazer maldade. Por isso digo que, se for fazer, se for ordenar-se para gerar bondade, depende do coração. Todas as formas de fazer mérito... como no meu caso: eu tenho preguiça de doar *pindapāta*, mas minha esposa doa todos os dias pela manhã. Eu tenho preguiça de tirar os sapatos², mas não penso nada de mal, não penso de maneira ofensiva, de maneira que tenho a opinião de que mesmo que alguém faça mérito até morrer, na minha cabeça eu penso que mesmo que faça mérito até cair morto, se no coração houver apenas ganância, confusão, arrogância ou se fizer que os demais sofram, eu digo é melhor parar de fazer mérito imediatamente. Vá aprender a fazer o coração ficar bom, a fazer as outras pessoas felizes. Estou errado?

- Sobre isso aí, escute primeiro, OK? Existem duas coisas: número um – a dona de casa se benzendo não deve estar certo.

- Mas agora ela já parou.

- O que será que aconteceu?

(*esposa do Dr.*) - Eu sinto que me faz feliz, quando doo *pindapāta* fico feliz.

(*Ajahn Chah*) - Pode deixar, eu vou explicar, vou resolver essa questão. Por que age dessa maneira? Imagine uma galinha que temos em casa: ela cacareja e corre para perto de nós, damos um par de calças para

¹Antigamente era comum na Tailândia que todos os rapazes se ordenassem monge ao completar vinte anos, por um período curto de tempo.

²Quando os monges saem de manhã pelas ruas recolhendo comida para sua refeição, as pessoas costumam tirar os sapatos em gesto de humildade na hora de doar os alimentos.

ela – ela não aceita. Damos uma camisa – ela não aceita. O que vamos dar para ela?

(Doutor) - Milho.

- Damos milho. Isso é útil para a galinha, não é? Só isso e já é útil, ela quer aquilo. Camisa é bom só para pessoas, calça é para pessoas, ela ainda não chegou ao nível humano, o que ela quer é milho. Ela vem nos procurar, mas nós damos uma camisa e a galinha não aceita, é melhor dar milho, não é? Desse ponto em diante ela vai melhorando, melhorando, até virar gente. Quando for gente, se dermos milho para comer ela não come. No começo é assim, e o doutor mencionou um segundo item, o que era?

Ah! O senhor disse: “Eu não quero fazer mérito ou, se fizer, pego minha mente e a transformo em mérito logo de vez.” Mas se o doutor for uma pessoa esforçada, sendo uma pessoa esforçada, ia aguentar não trabalhar? Ia aguentar não varrer a casa, ia aguentar não lavar os pratos ou fazer algo de útil? Se for esforçado, não estou falando de gente preguiçosa.

- Trabalharia o tempo todo.

- Pois é, tem que ser assim. Para as pessoas que têm fé, fazer doações é bom, mas o que o doutor disse sobre passar do limite também está correto. Tem que saber moderar, tem que saber o suficiente, conhecer moderação. Fazer demais sem considerar razão, não dá. Mas a pessoa que tem fé profunda tem que doar *pindapāta* ou fazer *pūja* e assim por diante, aquela pessoa está cheia de fé. Não é para fazer como os tolos, mas para fazer como os sábios.

Então podemos comparar com o doutor aqui, que é uma pessoa esforçada ao máximo, não é preguiçoso naquilo que gosta. Vê a casa bagunçada, consegue não varrer? Vê os pratos sujos, consegue não lavar? Vê o cachorro vindo fazer cocô bem ali, toca ele para fora ou o quê? O doutor tem que ser incapaz de parar de trabalhar, uma vez que é uma pessoa esforçada. Aqui é a mesma coisa, tem que pensar

dessa forma. Por que age dessa maneira? Isso se manifesta vindo do coração de uma pessoa esforçada, tem que ser assim. Se for o caso que ela ofereça *pindapāta* à toa, sem noção de nada, eu concordo contigo, mas se ela faz tendo motivo como o doutor – por que limpa titica de galinha, por que limpa cocô de porco, por que limpa cocô do cachorro, por quê? Porque o doutor é detalhista da maneira correta, é uma pessoa esforçada, não pode ver algo desarrumado, tem que limpar e arrumar. É ali que se manifesta, não é só passar a tarefa adiante. Essa é a razão.

Aquilo, deixa para ela. Que ela vá atrás de água benta, deixa para ela. Ela está no nível de galinha, que fazer? O nível é de galinha, mas o doutor vai oferecer camisa – ela é galinha, não aceita. Que fazer? Tem milho, então joga para ela comer, é melhor assim, para que ela fique feliz. Tem que separar em níveis desta forma para poder chamar-se “pessoa de entendimento”. Então o doutor vá contemplar tudo isso.

Ótimo! Hoje foi muito bom, o doutor já veio duas vezes mas ainda não havia feito nenhuma pergunta. Ótimo, bote todas as perguntas para fora, para acabar de vez desse jeito, bote para fora até acabar...